

Para o poema sinfônico, forma em que atingiu o máximo da perfeição, Respighi foi buscar inspiração na velha Roma: **Fontane di Roma**, **Pini di Roma**, **Feste romane**, ou em temas de significado artístico, como **Vetrate di Chiesa** e o **Trittico botticelleiano**. De sua visita ao Brasil em 1927, resultou **Impressioni brasiliane**, suíte em três partes, das quais a segunda, denominada “Butantã”, retrata as impressões do autor na visita que fez ao célebre Instituto científico desse nome, na capital paulista. Nela, faz a orquestra, em forte sabor descritivo, imitar até o guizo de uma cascável.

Deixou, ainda, obras religiosas, como a **Laude per la Natività del Signore**; peças na forma de concerto: **Concerto Gregoriano**, **Concerto Mixolídio**, **Concerto a Cinque**; música de câmara (dois quartetos); a cantata **Il Tramonto** (“O Crepúsculo”) e numerosa obra vocal. Embora tenha deixado também oito óperas — **Re Enzo**, **Semirama**, **Marie Victoire**, **La bella adormentata nel bosco**, **Belfagor**, **La campana sommersa**, **Maria Egiziaca** e **La Fiamma** — é principalmente como compositor sinfônico que seu nome é lembrado hoje. Creio que, mesmo na Itália, suas óperas são atualmente pouco representadas, embora a amostra que delas conheço — “Belfagor”, a única gravada — só me autoriza a considerá-lo grande também no melodrama, embora este não fosse realmente o seu forte. ONM



NECROLÓGIO

Registramos, com pesar, o falecimento de diversos amigos da NHB, todos eles interessados em nosso trabalho, acompanhando-nos com interesse e simpatia, alguns desde o número inicial desta publicação: Agostinho Ramos, de Cachoeira, autor de numerosos trabalhos sobre a história do Vale do Paraíba; Alfredo Gomes, nosso colega de turma na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e confrade do Instituto Histórico de São Paulo e da Academia Paulista de História; Antônio Camilo de Faria Alvim, de Belo Horizonte, professor da Universidade Federal de Minas Gerais; César Salgado, da Academia Paulista de Letras; Duglas Teixeira Monteiro, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo; Elmano Cardim, do Rio de Janeiro, jornalista eminentemente, membro da Academia Brasileira de Letras; Fabio de Macedo Soares Guimarães, nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Fernando Goes, nosso confrade de Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista

de letras; Francisco Martins dos Santos, de São Vicente, nosso confrade da Academia Paulista de História; Gustavo Bauer, de Petrópolis; Herbert Canabarro Reichard, historiador eminente e nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Hermes Lima, sociólogo e político, antigo chefe de gabinete na breve experiência parlamentar por que passou o Brasil em 1961/63, membro da Academia Brasileira de Letras; autor, entre outros, de importante estudo sobre Tobias Barreto; João Gomes Teixeira, antigo diretor do Arquivo Público Mineiro; Leônicio Ribas Marinho, de Águas de Lindóia, velho militante da imprensa paulista e nosso confrade da Academia Paulista de Jornalismo; Odylo Costa Filho, poeta e jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras; René Pena Chaves, médico e escritor, membro da Academia Campinense de Letras; Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, do Departamento de História da Universidade de São Paulo; Roberto Macedo, historiador da cidade do Rio de Janeiro, nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Venâncio Willeke (Frei), de Olinda, historiador dos franciscanos no Brasil, também nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, da Academia Paulista de Letras, e de quem já nos ocupamos num dos últimos números desta publicação; e Vítor de Azevedo, jornalista e historiador e, igualmente, nosso confrade da Academia Paulista de Jornalismo.

De René Pena Chaves já nos ocupamos nesta publicação quando de sua eleição para a Academia Campinense de Letras; a Vítor de Azevedo, dedicamos a seção “Vultos da Historiografia Brasileira” deste número, e de Reynaldo Carneiro Pessoa nos ocupamos em crônica no “Correio Popular” de Campinas, transcrita à página 289 deste número. ONM.

*
* *
*

MEMÓRIA CAMPINEIRA (7)

UMA GRANDE FIGURA FEMININA DA HISTÓRIA DE CAMPINAS

Transcorreu no corrente ano (6 de agosto) o centenário do falecimento da Viscondessa de Campinas. Ao ensejo da ocorrência, o Acadêmico Celso Maria de Melo Pupo, presidente da Academia Campinense de Letras, publicou no “Correio Popular” a nota que julgamos oportuno transcrever:

“Transcorreu ontem, dia 6, o centenário do falecimento da Viscondessa de Campinas, Dona Maria Luiza de Souza Aranha. Nasceu esta